

DÉCADA INTERNACIONAL DAS LÍNGUAS INDÍGENAS: POR QUÊ E PARA QUÊ FOI PROPOSTA PELA UNESCO

Kóva che yvy, kóva che roga. Esta é a minha terra, esta é a minha casa.

Mário Ramão Villalva Filho¹

Tesãi, mbarete ha py'aguasu, ñande arandute ko yvy rupápe toime ñandenive! (Saúde, força, coragem e que a sabedoria originária desta Terra esteja conosco). Estamos na Reunião Anual da SBPC de 2023; na cidade Curitiba no estado de Paraná e o nome desta mesa é “Década das Línguas Indígenas: por quê e para que?” Por este motivo iniciamos a nossa participação com as palavras originárias desta terra. Mesmo que a língua que indicada no início seja falada somente em espaços reduzidos de comunidades próprias, por causa de mais de 500 anos de repressão, esta língua-cultura está viva na geografia, nos alimentos, fauna e flora (alias mais de 80% da fauna e flora brasileira em português tem a origem nesta língua originária), na culinária, nas expressões idiomáticas do português brasileiro como Jururu, pindaíba, cutucar, toró entre outros. Neste sentido nos é importante destacar que esta cidade em que estamos Curitiba, tem a sua origem em também nesta língua: cito a Jurandyr Pires Ferreira, que na “Enciclopédia dos Municípios Brasileiros...” disse: “O étimo evidente de Curitiba é *kur ity ba*; palavra do guarani antigo que significa "pinheira", derivada que é do nome *kur í*, que ocorre na forma *kur iy*,” citando ao padre Montoya que o registrou no século XVII a “*ávore kur i*” termo com que era chamado o pinheiro do Paraná, em outras palavras Araucária. *Kuri* pinheiro, *tyva* – conjunto de. Bem-vindas todas à cidade onde abunda a *kuri* ou *kuriy*. Também o nome deste estado Paraná é formado pela junção de “*para*” mar e “*ana*” que significa semelhante. Então podemos inferir que o rio Paraná que deu nome ao estado é um rio caudaloso semelhante ao mar; neste país que chamamos de Pindorama, a terra das palmeiras, porque assim eram chamamos os primeiros habitantes destas terras pelos povos dos Andes e dos Pampas.

Sou docente de uma língua indígena para não indígenas na UNILA Universidade Federal da Integração Latino-Americana em Foz do Iguaçu-PR. Ministro duas disciplinas obrigatórias para os cursos de Letras e Mediação Cultural que não são direcionados para indígenas, com são as licenciaturas ou pedagogias ‘intercultural Indígena’. Declaro que desconheço a existência de outra disciplina obrigatória de língua originária para não indígenas neste país que chamamos de Brasil. Indico considerar esse detalhe porque segundo IBGE “o Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias” neste caso os estudiosos destes idiomas declaram que muitas delas são variações da mesma língua, indicando assim, que seriam entre 170 o 180 línguas ainda vivas neste país. Outro fator importante apontamos que no artigo escrito pelas parentas Altaci Corrêa Rubim, Anari Braz Bomfim e Sâmela Ramos da Silva Meirelles com título “Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena

¹ É Professor de Língua e Cultura Guarani da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA. Membro do GT Sul DILI Brasil e ativista do povo Ava Guarani do Oeste do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3906286316115492> E-mail: mariocomunica@yahoo.com.br

na construção de políticas linguísticas” discute a participação indígena na Década das Línguas Indígenas no Brasil; elas citam a D’Angelis (2014) na qual classificam a situação das línguas indígenas no Brasil em cinco grupos:

- 1) línguas vivas e plenamente ativas (fortes ou enfraquecidas);
 - 2) línguas vivas, com perda de falantes (enfraquecida ou doente);
 - 3) línguas vivas apenas nas gerações mais velhas (moribunda ou agonizante);
 - 4) línguas mortas, com ou sem lembrantes (morta);
 - 5) línguas desaparecidas (extinta).
- (MEIRELLES et al 2022)

No estado do Paraná a língua guarani é a segunda língua indígena mais falada, a primeira é o Kaingang (tronco linguístico Macro-Jê). No meu caso o guarani é um povo cuja língua (com toda a sua variação lingüística e regional) ainda está neste primeiro grupo e resistindo, em comparação às outras, ela tem as suas vantagens porque ela é oficial no Paraguai, na Bolívia e na província argentina de Corrientes, em outras palavras uma nação que ultrapassa vários estados nacionais posteriores a ela, como o caso do Tikuna no norte do país. Com é sabido o povo guarani é um povo com mais tempo de contato com o colonialismo, entretanto ainda mantém os seus saberes milenares como a língua, a espiritualidade e a forma de viver mais conectada ao Bem Viver a *Teko porã*, além disso, são os sobreviventes daqueles povos que já estavam nestas terras. Sabemos dos achados arqueológicos que datam de mais de 4 mil anos neste estado, entretanto quero trazer um exemplo do projeto “Levantamento Prospectivo na Área de Tombamento da Cidade Real do Guairá – Terra Roxa – PR”, sob coordenação da Coordenadoria do Patrimônio Cultural da Secretaria da Cultura do Estado do Paraná” sobre a cidade Real do Guairá que foi fundada em 1556 (ANDRADE, 2014), essa cidade foi construída sobre a antiga aldeia indígena do cacique Guairá. que 74 anos após sua fundação, entre os anos de 1631 e 1632, a cidade foi atacada e arrasada pelos paulistas portugueses para o sequestro dos indígenas que ali se encontravam para que estes servissem como escravos em território português. Este é mais um exemplo de que o povo guarani já viviam nestas terras e que por meio da extrema violência foram expulsos e que hoje estão reivindicando a seu antigo território na região oeste deste estado; na margem esquerda do rio Paraná existem mais de 20 retomadas indígenas na espera da homologação territorial.

O processo de retomada das nossas ancestralidades atravessa necessariamente pela descolonização, discussão esta sobre língua/linguagem produzidas pelos indígenas desde e a partir de suas epistemologias; estas pessoas que Meirelles (2022) refere a não somente indígenas com formação acadêmica ou produtores de textos publicados em livros, mas também aos sábios e sabias, pajés, anciãos e anciãs que tem o seu papel de mestras e mestres portadores das sabedorias e que estão na luta pelo protagonismo junto com o seu povo na defesa da sua cultura e o seus modos de vida.

A importância da Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI): proposta pela UNESCO remete a uma série de ações de práticas necessárias que estão no plano de ação indicadas na criação do GT da DILI no Brasil, que escolhemos enumerar alguns desses: “Mobilizar as comunidades indígenas para o engajamento e execução das ações...”, “Sensibilizar a sociedade envolvente para o reconhecimento da diversidade linguística e cultural dos povos indígenas”, “Fomentar e estabelecer agenda conjunta entre as instituições governamentais e não governamentais

(nacionais/internacionais) e os povos indígenas, a fim de garantir a promoção e execução das ações propostas”, “Empoderar as mulheres indígenas através de sua efetiva participação e poder decisório em todas as instâncias de discussão e atuação “, “Fomentar parcerias com instituições governamentais e não governamentais para a promoção das línguas indígenas por meio das novas tecnologias”; e outras atividades para mapear as línguas indígenas e propor o fortalecimento, a documentação e a salvaguarda dessas línguas.

Essas são algumas das ações que no projeto de extensão “Educomunicação e Cultura Guarani” da UNILA está realizando por meio da convivência direta entre os discentes e docentes não indígenas e os próprios originários nas comunidades participando das práticas culturais e espirituais nas casas de reza (Opy), muito antes que as escolas indígenas localizadas nesses lugares.

REFERENCIA

ANDRADE, S. A. . Etnoarqueologia indígena na costa oeste paranaense. Anais da VI Semana de Antropologia Desafios da Alteridade, UFOR, 2014.

MEIRELLES, Sâmela & Rubim, Altaci & Bomfim, Anari. (2022). Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas. Working Papers em Linguística. 23. 154-177. 10.5007/1984-8420.2022.e84209. In <http://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e84209>

VILLALVA FILHO, Mario Ramão. Educomunicação, língua-cultura guarani, sustentabilidade *Teko Porã: myasãimbo'e, avañe'ẽ ayvu-arandu, ñeñangareko ha bom viver*. 2020. 209 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2020.